



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU - MIRIM
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA

**EDMAR DA SILVA
REINALDO MENDES CARVALHO**

**A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Itapecuru-Mirim
2018

**EDMAR DA SILVA
REINALDO MENDES CARVALHO**

**A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Monografia apresentada a UEMA-Campus de Itapecuru Mirim como requisito para obtenção da nota avaliativa do curso de Letras licenciatura com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Me. Katiane Alyne de Souza
Ribeiro da Silva

Itapecuru-Mirim
2018

CARVALHO, Reinaldo Mendes. SILVA, Edmar da.

A importância da linguística no ensino da língua portuguesa como ferramenta de combate ao preconceito linguístico / Reinaldo Mendes Carvalho e Edmar da Silva. – Itapecuru-Mirim, 2019.

Monografia (Graduação) – Curso de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Ma. Katiane Alyne de Sousa.

1.Variedade linguística. 2.Preconceito linguístico. 3.Língua Portuguesa - Ensino. I.Título

CDU: 811.134.3:37

**EDMAR DA SILVA
REINALDO MENDES CARVALHO**

**A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Monografia apresentada a UEMA-Campus de Itapecuru Mirim como requisito para obtenção da nota avaliativa do curso de Letras licenciatura com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Me. Katiane Alyne de Souza
Ribeiro da Silva

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Katiane Alyne de Souza Ribeiro da Silva (Orientadora)
Mestra em Linguística
Universidade Estadual do Maranhão

Gercivaldo Vale Peixoto
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura
Universidade Estadual do Maranhão

Edjanio de Abreu Mendes
Especialista em Língua Portuguesa
Universidade Estadual do Maranhão

Dedicamos esse trabalho aos nossos pais que desde sempre nos incentivaram nos estudos e não mediram esforços para estarem ao nosso lado e motivando-nos durante essa jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos antes de tudo a Deus por ter nos permitido chegar até aqui, estando ao nosso lado e nos dando forças nos momentos difíceis.

Agradecemos às nossas famílias, que desde o princípio nos deu apoio incondicional, que em cada momento nos incentivaram e acreditaram no nosso potencial, sendo peças importantíssimas para o nosso sucesso.

Quero agradecer também à nossa professora orientadora, Katiane Ribeiro, que durante este processo teve paciência e sabedoria para nos orientar da melhor forma possível, motivando-nos a cada instante, concedendo incentivos necessários para a realização desse trabalho.

Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se.”
Machado de Assis.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar a importância da linguística no ensino de Língua Portuguesa como ferramenta de combate ao preconceito linguístico na Unidade Escolar Professor Manoel Viana, no 9º ano do ensino fundamental situada em Itapecuru-Mirim, MA. Para tanto, foram utilizados como métodos a pesquisa bibliográfica juntamente com uma pesquisa de campo, de cunho quantitativo e qualitativo, sendo realizada por meio de observação, entrevista e aplicação de questionários. Tal objetivo surgiu ao notar-se na matéria de Língua Portuguesa um enfoque ao ensino tradicionalista por influência da concepção da linguagem como expressão do pensamento, fator que centraliza a gramática normativa, tratando-a como se fosse a única forma correta, desprezando, assim, as demais variedades linguísticas, o que vai acarretar no preconceito linguístico com relação às demais variedades, que são classificadas como erradas perante a norma-padrão. Entretanto, como é possível lecionar os conteúdos de Língua Portuguesa sem desprezar as demais variedades linguísticas? O modelo atual de educação promove o preconceito linguístico? Há preconceito linguístico em sala de aula? Como professores e alunos lidam com essas temáticas em relação ao idioma? A partir dessas inquietações surgiu a necessidade de uma melhor compreensão desses questionamentos e, para tal, a inserção no ambiente da sala de aula tornou-se imprescindível, uma vez que o contato direto com o espaço de ensino-aprendizagem permite uma melhor observação de como os docentes e discentes convivem com modelo de educação tradicionalista diante das novas perspectivas, contribuições e reflexões da Linguística para o ensino de Língua Portuguesa. O resultado da pesquisa foi promissor, pois trouxe bastante contribuição com relação ao objetivo principal do trabalho, comprovando que realmente há uma interferência do preconceito linguístico no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Variedade Linguística. Preconceito Linguístico. Ensino de língua Maternal.

ABSTRACT

The present work had the objective of verifying the importance of linguistics in teaching Portuguese as a tool to combat linguistic prejudice in the School Unit Professor Manfredo Viana, in the 9th year of elementary education located in Itapecuru-Mirim, MA. To do so, the bibliographic research was used as methods together with a field research, quantitative and qualitative, being carried out through observation, interview and application of questionnaires. This objective arose when it was noted in the Portuguese language a focus on traditionalist teaching, a factor that centralizes normative grammar, treating it as if it were the only correct form, thus neglecting the other linguistic varieties, which will entail in the prejudice to the other varieties, which are classified as erroneous before the standard. However, how is it possible to teach the contents of Portuguese without neglecting the other linguistic varieties? Does the current model of education promote linguistic prejudice? Is there linguistic prejudice in the classroom? How do teachers and students deal with these issues in relation to language? Based on these concerns, the need for a better understanding of these questions arose and, to that end, the insertion in the classroom environment became essential, since direct contact with the teaching-learning space allows a better observation of how the teachers and students coexist with a traditionalist model of education in view of the new perspectives, contributions and reflections of Linguistics for the teaching of Portuguese Language. The result of the research was promising because it brought a lot of contribution in relation to the main objective of the work, proving that there is really an interference of the linguistic prejudice in the development and learning of the students.

Keywords: Linguistic Variety. Linguistic Prejudice. Teaching of Mother Tongue.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Você conhece os conceitos de variação linguística?.....	30
Gráfico 2 - Você considera a linguagem padrão como a única correta e que deve ser ensinada nas escolas?	31
Gráfico 3- Você já ouviu falar em preconceito linguístico?	32
Gráfico 4- Você já participou de alguma formação continuada com o tema do preconceito linguístico?	33
Gráfico 5- Você corrige seus alunos quando falam diferente ou alguma palavra de forma “errada”?	34
Gráfico 6- Você já presenciou alguma situação, em sala de aula, de preconceito linguístico entre os seus alunos?	35
Gráfico 7- Você já ouviu falar em preconceito linguístico?	36
Gráfico 8- Você já sofreu preconceito por falar “diferente” ou por considerarem que você falou alguma palavra “errada?.....	37
Gráfico 9 - Você se sente constrangido quando o professor ou colega o corrige em frente aos demais alunos?.....	38
Gráfico 10- Para você, somente as pessoas que falam de acordo com a gramática é que falam o português correto?	39

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA.....	14
3	AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS E O PRECONCEITO.....	17
3.1	O preconceito linguístico	17
3.2	Valorização das variedades linguísticas.....	19
4	A VALORIZAÇÃO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	23
5.	METODOLOGIA.....	26
5.1	Escola campo.....	27
6.	ANÁLISE DE DADOS	28
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICES A - QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR	
	APÊNDICES B - QUESTIONÁRIO DO ALUNO	

1 INTRODUÇÃO

A importância da linguística no ensino de Língua Portuguesa como ferramenta de combate ao preconceito linguístico é um tema que propõe um novo olhar para o ensino da Língua Portuguesa. Tem como objetivo contribuir com o enriquecimento linguístico, ao passo que propõe uma análise para usuários da língua materna e uma reflexão sobre a variedade linguística dos alunos, a qual é oriunda de seus contextos sociais, geográficos, étnicos e históricos diferentes. Por isso, devem ser valorizados e não discriminados.

Como ressalta Bortoni-Ricardo (2005, p 33) “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”. Assim, independentemente, de ser maranhense, paraense, cearense ou ser originário de qualquer outra localidade, o importante é que cada um possui suas particularidades, o seu jeito singular de falar que revela sua identidade e seus hábitos culturais. Dessa forma, todos contribuem positivamente para a riqueza lexical do idioma ao qual pertencem.

Nos últimos anos, a educação brasileira começou a olhar de outra maneira para os chamados “erros de português”, embora que, ainda, timidamente. É válido mencionar que tais avanços são importantes uma vez que permitem que haja um novo olhar a respeito de como se ensinar gramática nas escolas. E sobre essas transformações que vem ocorrendo nas últimas décadas, Bortoni-Ricardo (2005, p.37) afirma:

Nas últimas duas décadas, os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguistas – seguindo uma corrente que nasceu da polêmica entre a postura que considera o “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma simples diferença entre duas variedades.

Assim, a linguística tem papel essencial ao valorizar os diferentes falares, combatendo as discriminações linguísticas. Portanto, para uma conscientização dos indivíduos acerca das diferenças, principalmente, na fala entre as pessoas, é possível por meio de uma educação voltada para reflexão a respeito de que não existe somente a variedade padrão como meio de se expressar corretamente, ou seja, existem outros falares que devem ser respeitados, visto que vão ao encontro do enriquecimento e da valorização do ensino do português.

A escolha desse tema é relevante para que sejam conhecidas as contribuições da linguística para o ensino de Língua Portuguesa, visando nova concepção de linguagem e de ensino gramatical a ser adotado pela escola, uma vez que esse padrão de ensino preconizado pela gramática normativa defende um único modelo de língua correta, o padrão culto, o qual as escolas adotam como base para considerar, por exemplo, se uma determinada palavra ou construção frasal está correta ou errada.

A Língua Portuguesa é rica lexicalmente e também dotada de uma variedade linguística significativa. No entanto, toda essa riqueza composta de dialetos e sotaques, muitas vezes, é motivo para se discriminar o “falar diferente” de uma determinada pessoa que porventura assim o faça ou de um determinado grupo social que se expressa distintamente de outrem, com seu linguajar característico. Dessa forma, essa pesquisa torna-se relevante porque contribui para uma conscientização e valorização, principalmente, por parte dos professores de Língua Portuguesa e de seus respectivos alunos no ambiente escolar sobre a diversidade do léxico.

Este trabalho de pesquisa também visa contribuir com uma nova visão acerca do ensino de Língua Portuguesa, ressaltando uma nova perspectiva de se conceber o idioma, valorizando os falares os quais são frutos de vários aspectos: idade, sexo, escolaridade, região, entre outros. O intuito é, portanto, combater o preconceito linguístico de que somente quem fala de acordo com as regras gramaticais, fala corretamente.

Em relação aos dialetos, Cagliari (2008, p. 36) diz que:

Os dialetos de uma língua são como que línguas específicas, com sua gramática e usos próprios, todavia muito semelhante entre si. No momento em que se diferenciarem muito uns dos outros se tornarão, de fato, reconhecidamente línguas diferentes, como aconteceu com o latim, que através de seus dialetos gerou o português, o francês, o espanhol, o italiano, etc.

Nesses sentidos, os dialetos são integrantes de uma mesma língua embora tenham suas particularidades. Um ensino que objetiva ser democrático tem o dever de formar cidadãos críticos a respeito do mundo que os cerca, torná-los atuantes e conscientes no tocante à adequação da linguagem que utilizam para se comunicarem, capacitando-os a produzir textos em gêneros distintos, de acordo com o contexto comunicativo e sociocultural mais variados a qual possam aprender.

Este trabalho pretende mostrar o papel da linguística como ferramenta de combate ao preconceito linguístico, visto que o Brasil apresenta desigualdades regionais, sociais e culturais que contribuem para a ocorrência das variedades da língua.

Para melhor compreensão dos fatos abordados, a referida monografia será dividida em capítulos que abordam temas como: A importância da linguística no ensino da Língua Portuguesa, variedades linguísticas e o preconceito (contendo dois subcapítulos) e valorização das variações linguísticas nos documentos oficiais. Expondo da mesma maneira a Metodologia e os seus desdobramentos utilizados na aplicação deste estudo, que geraram, posteriormente, a Análise de Dados, provocando discussões e sendo concluídas nas Considerações Finais.

2 A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nas escolas ainda é ensinado de acordo com a gramática normativa por influência da concepção da linguagem como expressão do pensamento que estabelece os padrões para que alunos, professores e leitores em geral adotem as regras gramaticais para se comunicarem no seu cotidiano. Os livros de Língua Portuguesa são preparados para que os docentes lecionem conforme os preceitos da norma-padrão. Porém, atualmente, percebe-se que algumas mudanças vêm ao encontro de uma nova perspectiva de como “o português” possa ser ensinado nos estabelecimentos de ensino, com um novo olhar. Mas, isso é pouco para caracterizar uma revolução.

Segundo Possenti (1996), o ensino de gramática é importante. Na sua obra intitulada “Por que (não) ensinar gramática na escola”, ele aborda a respeito dos tipos de gramática: A descritiva, a normativa e a internalizada, esta última sendo enaltecida pelo autor por considerá-la que o falante do idioma a domina e, a esse respeito ele diz:

O mais importante é que o aluno possa vir a dominar, efetivamente, o maior número possível de regras, isto é, que se torne capaz de expressar-se nas mais diversas circunstâncias, seguindo as exigências e convenções dessas circunstâncias. (POSSENTI,1996, P.83)

Dessa forma, ele considera relevante o ensino de gramática, mas que seja dado aos alunos a oportunidade para que eles sejam capazes de conhecer a pluralidade dos recursos expressivos da língua no processo comunicativo. Assim, ele enfatiza a capacidade nata dos indivíduos de se comunicarem, ou seja, Possenti (1996) dá ênfase à gramática internalizada sem desconsiderar as demais.

Referente à instituição escolar e aos seus objetivos quanto ao processo de construção do conhecimento, Libâneo, Oliveira e Torshi (2013, P.419) definem a escola e o seu papel na sociedade:

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores) para se tornarem cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

Nesse sentido, o papel das instituições de ensino é desenvolver o potencial intelectual dos estudantes, tornando-os cidadãos críticos a respeito dos assuntos e problemas que vivenciam ou observam na sociedade onde vivem. Para que as instituições cumpram o seu ideal, é imprescindível que a aprendizagem seja realizada satisfatoriamente. No entanto, isso ainda não acontece integralmente porque esses estabelecimentos de ensino, ao privilegiarem a variedade padrão da língua, desprestigiam os conhecimentos linguísticos prévios dos alunos, ou seja, os falares daqueles que não dominam a norma-padrão da Língua Portuguesa.

O que muitas instituições escolares ainda desconhecem é que o modelo que elas adotam como sendo a “correta” é apenas uma das variedades existentes no idioma e, agindo dessa maneira, desprezam as demais construções linguísticas que o estudante traz de sua localidade e de seu ambiente familiar. Segundo Perini (2007, p.25), “cada situação de comunicação (ensaio científico, peça teatral, conversa de botequim, discurso de formatura, pedido de informações na rua, etc.) impõe uma variedade própria, que é “certa naquela situação”. Seguindo essa linha de raciocínio, as diversas situações comunicativas devem ser utilizadas conforme sua especificidade.

Ainda hoje, os estabelecimentos de ensino são responsáveis pelo uso “adequado” do idioma. Compete a eles zelarem pelas regras da gramática normativa, mas que tal prática só promove a censura à fala e à escrita das pessoas que não conhecem ou não utilizam tais regras. Segundo Perini (2007, p.33), “o grande perigo é transformar a gramática – uma disciplina já em si um tanto difícil - em uma doutrina absolutista [...]”, assim, se o ensino de Língua Portuguesa continuar pautado apenas sob o viés da norma-padrão, objetivando “corrigir” o falar ou escrever das pessoas, sempre haverá a concepção de que o português é difícil de se aprender.

Nas últimas décadas, mudanças começaram a ocorrer na educação brasileira com as contribuições da linguística a qual é definida por Cagliari (2008, p.42), “A linguística é o estudo científico da linguagem.”. Desse modo, é a ciência que se preocupar com o funcionamento da linguagem.

Assim, a educação do Brasil começa a observar com novos olhares para os denominados “erros de português”, ao adotar uma postura mais reflexiva a respeito da noção de “certo” e “errado”, principalmente no conceito de que determinada palavra ou construção frasal está “errada”. A linguística, nesse meio de importantes

avanços, desempenha um grande papel na valorização dos diferentes falares. De acordo com Cagliari (2008, p. 40), “a linguística, entretanto, teve um desenvolvimento extraordinário nas últimas décadas que não foi acompanhada pela grande maioria dos professores de português de nossas escolas de formação[...]”

Cunha, Costa e Martelotta (2017, p.21) explicam sobre o respeito que tem a ciência da linguagem pelas variações que uma língua possa apresentar:

A linguística respeita qualquer variação que uma língua apresente, independentemente da região e do grupo social que a utilize. Isso porque é natural que toda língua apresente variações – de pronúncias (falar vs falá; bicicleta vs bicireta), de vocabulário (aipim/macaxeira; abóbora/jerimum), ou de sintaxe (Casa de Paulo/casa do Paulo) – que manifestam níveis semelhantes de complexidade estrutural e funcional.

Desse modo, valorizando a riqueza do idioma, esta ciência enaltece todas as diversas formas linguísticas existentes, sem discriminá-las e defendendo-as no ambiente escolar, como formas de expressão cultural que devem ser respeitadas.

Embora tenha havido nos últimos anos novas concepções acerca do ensino de português, é possível constatar que muitos docentes ainda não acompanharam essas mudanças. Percebe-se que alguns professores ainda “corrigem” seus alunos de uma forma desrespeitosa por entenderem que estes falam “errado” ao não se comunicarem conforme os conceitos da gramática normativa. Sobre essa atitude de muitos educadores, Cagliari (2008) diz que muitos se fecharam e simplesmente ignoram a linguística, rotulando-a de “fogo de palha”. Contudo, nem todos os professores se mantêm inflexíveis, ou seja, vários deles adotaram uma postura de mudanças positivas referentes à noção de “certo” e “errado” em relação ao ato comunicativo entre os indivíduos.

As contribuições linguísticas passam a cumprir uma função importantíssima no ensino de Língua Portuguesa ao propor a ideia da pluralidade linguística em sala de aula, promovendo uma conscientização de que somente uma educação voltada para a reflexão de que não existe somente a variedade culta como sendo a única forma de se expressar corretamente, é que haverá verdadeiramente, o enriquecimento do ensino do português. Como ressaltam Cunha, Costa e Martelotta (2017, p.26), “[..] é válido dizer que para a linguística não há formas de expressão corretas ou erradas, mas adequadas ou não aos diferentes contextos de usos”. Sendo assim, é possível que os estabelecimentos educacionais, sem abandonar a variedade padrão, acolham as demais variações do idioma.

Uma escola que objetiva ser democrática precisa trabalhar com a perspectiva da variação linguística e da pluralidade de culturas. Entretanto, tal posicionamento não significa extinguir as regras da norma-padrão, como explicam Cunha, Costa e Martellota (2017, p.26), “Os linguistas têm plena consciência da importância da norma-padrão para o ensino do português[...]”, por isso, não se condena tal norma, a qual é a essência dos materiais didáticos.

Portanto, o papel da linguística e as suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa são grandiosos e imprescindíveis. Essa ciência tem uma contribuição primorosa para a educação, visto que ela procura promover a inclusão social, sem fazer distinção de situações históricas, culturais, regionais, etc, das pessoas. A sua preocupação é relevar todos os sotaques e dialetos os quais refletem a identidade de cada indivíduo ou grupo social. Ela desconstrói o conceito de “erros” na língua, principalmente, na comunicação oral. Promovendo, assim, uma nova visão sobre o idioma e uma nova perspectiva acerca do língua materna como produto identitário do povo brasileiro, além de combater o preconceito linguístico.

3 AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS E O PRECONCEITO

3.1 Preconceito linguístico

Segundo Marcos Bagno, o idioma se modifica em cada região do país. No seu livro “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?”, ele analisa como se constrói o preconceito nos mais variados segmentos da sociedade brasileira. Na referida obra, o autor desconstrói a afirmação de que o português falado no Brasil apresenta uma unidade. De acordo com o mito nº1 “A Língua Portuguesa apresenta uma unidade surpreendente”, que é abordado no seu livro anteriormente mencionado, o autor diz:

Esse mito é prejudicial à educação porque, ao não conhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor a sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, sua origem geográfica, de sua situação econômica, do seu grau de escolarização. (BAGNO, 2009, p.27)

Desse modo, o autor afirma que a língua não apresenta uma unidade linguística, uma vez que a mesma varia em decorrência de fatores, dentre eles: a idade, a localidade, a situação socioeconômica e o grau de escolarização de cada indivíduo. Dentre as muitas formas de preconceito existentes, a discriminação contra as pessoas que falam diferente da norma-padrão também deve ser combatida. É um desafio ainda a ser superado, principalmente, no ambiente escolar visto que o ensino de língua está pautado na concepção tradicionalista, ou seja, a escola prioriza a gramática normativa. Todavia, segundo Possenti (1996, p.83) “[...] o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar de outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também variedades que não conhecem [...]”

Nesse sentido, a função das instituições escolares seria, não apenas, priorizar a norma-padrão, mas valorizar as demais variedades linguísticas que existem nos mais variados contextos sociais, trazendo-as para o cotidiano escolar dos estudantes objetivando que estes as conheçam e identificando o papel de cada uma delas no processo de adequação linguística.

Mas para que aconteça o processo de desconstrução em relação aos diversos falares, é essencial uma participação ativa da instituição escolar como um todo, reconhecendo que o modelo de língua que defende e ensina é apenas uma das variedades existentes entre os falantes da língua materna, ou seja, conforme a

região, a classe social, a faixa etária e o momento histórico, haverá modificações no idioma. Para Possenti (1996, p. 33), “todas as línguas variam, isto é, não existe sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma.”

O preconceito linguístico é uma das piores formas de se discriminar as pessoas, pois, censurar o modo como elas falam, só pelo fato de tais falas não estarem em conformidade com a variedade culta, acaba-se promovendo ainda mais o processo de exclusão social com o qual a educação tradicionalista também contribui ao desrespeitar ou ignorar as diferenças dos estudantes, negando-lhes assim, suas identidades. Referente à realidade distinta dos discentes Cagliari diz:

[...] um aluno que nunca conviveu com livros, leitura escrita, que fala um dialeto diferente do da escola, está muito mais afastado da forma escrita ortográfica, diz craru e pratu, mas tem de escrever claro e prato, diz “nóis vai” e tem de escrever “nós vamos”, etc.[...] Para ele, aprender o dialeto da escola é como aprender uma língua estrangeira, [...] (CAGLIARE, 2008, P.35).

Assim, segundo o autor, esse aluno terá mais dificuldades no aprendizado em sala de aula do que aquele que conhece o dialeto escolar. A maior parte das discriminações acontece em relação às pessoas que são de baixa renda, às que possuem baixos níveis de escolaridade, moram na zona rural e aos diferentes sotaques brasileiros cujos sons caracterizam a identidade de quem assim fala e, tais atitudes discriminatórias ocorrem devido a pensamentos retrógrados de que somente a norma-padrão ensinada em sala de aula é a única forma correta de falar português. Para Perini, há duas línguas no Brasil:

[...] há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de “português”); e outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome). Esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra (“o português”) tem de ser aprendida na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente.

Conforme o autor, nota-se que a língua materna é relegada pela instituição escolar ao priorizar a aprendizagem da língua padrão. Esse posicionamento não contribui para o processo de prestígio linguístico, não reconhecendo que falar e escrever são dois modos distintos de comunicação.

Para Cagliari (2008, p.96), “é um absurdo que todas as atividades de português na escola girem em torno da escrita [...] até a fala que se pretende ensinar assumem as formas da escrita, na escola!” Assim, é imprescindível que os educadores reconheçam que muitas práticas escolares tradicionais que são

adotadas na prática educativa, dão ênfase à escrita e pouca importância à oralidade dos seus discentes, promovendo o preconceito linguístico.

3.2 Valorização das variedades linguísticas

De acordo com Cagliari (2008, p.81), “[...] as línguas evoluem com o tempo, se transformam e vão adquirindo peculiaridades próprias em função do seu uso por comunidades específicas”. Desse modo, tais transformações revelam as variedades linguísticas, ou seja, os idiomas são versáteis.

O Brasil é um país extenso territorialmente, o que contribui para que haja uma considerável variedade linguística, uma vez que as diversas regiões brasileiras possuem características peculiares as quais favorecem o surgimento de diversos falares do povo brasileiro. Então, não é possível se falar da mesma forma em lugares tão distintos nos quais seus habitantes possuem níveis de escolaridades e faixas etárias distintas. Nesse contexto, surgem as diversidades linguísticas advindas das diferentes regiões do país. A respeito das várias formas apresentadas pelo português oriundo de uma região e outra Travaglia (2009, p.43) diz:

As diferenças entre a língua usada em uma região e outra normalmente são, em sua grande maioria, diferenças no plano fonético (pronúncia, entonação, timbre, etc.) e no plano léxico (palavras diferentes para dizer a mesma coisa, as mesmas palavras com sentidos diferentes em uma e outra região, uso mais frequente de um outro morfema derivacional ou flexional, etc.).

Nesse sentido, as variações pelas quais sofre o idioma tanto em relação ao campo fonético quanto em relação ao campo lexical demonstram a riqueza linguística de um povo, revelando também seus hábitos, seus costumes, enfim, suas raízes culturais.

A Língua Portuguesa é rica lexicalmente e composta por uma diversidade de sotaques e dialetos os quais ainda são pouco prestigiados pelas escolas, visto que nessas instituições ainda é ensinado os conteúdos de português pautados na gramática normativa. Ao falar sobre o modelo educacional adotado nesses estabelecimentos, Travaglia (2009, p.101) diz que:

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa que, como vimos, são estabelecidos de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e “boas” a serem imitadas na expressão do pensamento.

Dessa forma, as instituições escolares deixam de valorizar a diversidade que a língua proporciona aos seus usuários, uma vez que elas ainda priorizam a variedade padrão como sendo a única que deve ser trabalhada como modelo a ser seguido pelas escolas, visto que estas são responsabilizadas pelo “correto” uso do idioma.

O Brasil apresenta uma vasta riqueza cultural, pois possui um grande território que favorece o surgimento de desigualdades regionais, sociais e culturais. Todavia, menosprezar o falar que nasce nesses contextos significa desprestigiar a identidade que caracteriza as pessoas que procedem dessas situações. Para Perini (2007, p.24), “as diferentes variedades da língua são utilizadas em situações bem definidas”, logo, de acordo com o autor, a questão é de adequação e não de erro.

O modelo tradicional de educação prioriza a linguagem culta, sem considerar o meio social, em que estão inseridos os alunos que, diga-se de passagem, é repleto das mais diversas capacidades e distintas maneiras de realizar um ato comunicativo. A concepção de “erro” sob a ótica de alguns escritores é motivo de algumas publicações referentes a esse assunto. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p.37), “erros de português são simplesmente diferenças entre as variedades da língua.” Nesse sentido, o que é “erro de português” para os gramáticos, os linguistas entendem como formas variantes.

A escola que almeja uma educação inclusiva precisa primeiramente rever seus procedimentos didáticos e os seus objetivos gerais e específicos em relação ao que objetiva alcançar dos seus educandos porque sem uma conscientização dos seus educadores referente à importância da pluralidade linguística, isso não será possível. Muitos desses profissionais ainda estão “presos” a ideia de que existe apenas um modo “correto” de alguém dizer alguma coisa. Esse pensamento é contestado por Cagliari, o qual diz:

O português como qualquer língua, é um fenômeno dinâmico, não estático, isto é, evolui com o passar do tempo. Pelos usos diferentes no tempo e nos mais diversos agrupamentos sociais, as línguas passam a existir como um conjunto de falares diferentes ou dialetos, todos, muito semelhantes entre si, mas cada qual apresentando suas peculiaridades com relação a alguns aspectos linguísticos. (CAGLIARI, 2008, P. 36).

Sendo assim, os estabelecimentos escolares precisam compreender que o português é uma língua viva e dinâmica que se modifica no tempo e no espaço e que os seus falantes refletem esse dinamismo. O espaço de ensino-aprendizagem

deve proporcionar aos estudantes a oportunidade de uma verdadeira inclusão social combatendo os mitos acerca do idioma e reconhecendo a versatilidade e a pluralidade cultural desses alunos.

Para Antunes (2009, p.90), “todas as línguas variam naturalmente, de acordo com as diferentes condições da comunidade e do momento em que é falada.” Nesse sentido, essas modificações significam que os diferentes falares são reflexos do tempo e do espaço geográfico no qual se desenvolvem.

Ainda sobre a variedade linguística, diz Bortoni-Ricardo (2004, p.33) “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”. Assim, os professores precisam estar receptivos e preparados para que recebam as contribuições que a linguística lhes oportuniza para que possam operar com os novos conhecimentos. Por essa perspectiva inovadora, possam reconhecer que, em sala de aula, deverá ser um espaço para todas as manifestações linguísticas dos seus alunos, sem distinção.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.25), “[...] sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais.” Essas variações podem ocorrer em vários níveis linguísticos: no lexical em que diferentes palavras significam a mesma coisa: açáí/juçara, aipim/macaxeira; no nível fonológico: bicicleta (por bicileta), pranta (por planta), nesses dois últimos casos ocorre o rotacismo que é a troca de // por /r/; no nível morfofonológico que é a perda de morfema ou fonema; vencê (por vencer), revolve (por revólver), além destes há outros níveis de variação da língua.

Portanto, valorizar os dialetos e sotaques é reconhecer os mais variados modos de expressão oral que cada indivíduo ou grupo social traz consigo. Os estabelecimentos de ensino têm a competência de cumprir essa missão porque para que sejam realmente democráticos não podem impedir que os estudantes conheçam ou usem as variedades existentes.

Para Possenti (1996, p.34), “a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existem algumas diferenças de status ou de papel entre os indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua.” Desse modo, respeitar e prestigiar os diferentes falares é valorizar a riqueza do idioma e, fazendo assim, as instituições escolares estarão dando grandes passos para a preservação da gramática internalizada que cada indivíduo possui, reconhecendo a riqueza da Língua Portuguesa.

4 A VALORIZAÇÃO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

No período da ditadura militar, houve propostas de reformulação no modo de ensinar, pouco considerando os conteúdos de ensino. Naquele momento, o ensino de Língua Portuguesa era muito orientado pela gramática normativa, pelo fato de que os alunos que frequentavam a escola falavam uma variedade linguística muito próxima da chamada variedade padrão e traziam representações de mundo e de língua semelhantes às que eram oferecidas nos livros e textos didáticos. PCNs (1998, p.17)

Para sanar essa deficiência no ensino, no ano de 1998 surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que são fundamentados na lei de diretrizes e bases da educação nacional-LDB, Lei de nº 9394/1996 que entrou em vigor dois anos antes. Os objetivos que a Educação Básica busca alcançar, quais sejam, propiciar o desenvolvimento do educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para que ele possa progredir no trabalho e em estudos posteriores, segundo o artigo 22 da Lei nº 9.394/96 (LDB).

Conforme os PCNs (1998, p.18) entre as críticas mais frequentes que se faziam ao ensino tradicional algumas destacavam-se:

- A desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos;
- A excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão;
- O ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas;
- A apresentação de uma teoria gramatical inconsistente;
- Uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada.

A divulgação dessas teses desencadeou um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a revisão dessa noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das variedades linguísticas dos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e, para o trabalho com textos reais, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita.

Sobre essa assertiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Defendem que:

[...] Sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística é apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam como uma mesma comunidade de fala. (PCNs. 1998, p.29).

Neste contexto temos o que a LDB (1996) SEÇÃO IV do Ensino Fundamental nos traz em introdução ao processo do ensino fundamental:

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de nove anos, obrigatório e gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

II O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

III O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (LDB, 1996, p. 17).

De tal modo, pode-se compreender que tanto os PCNs, quanto a linguística, evidenciam que o ensino de língua precisa ser contextualizado e que o aluno não deve se prender somente a um padrão de língua, de modo que a língua não é única e acabada. Somente a partir dessa concepção de que existem várias línguas faladas no Brasil, que se vai desmitificar que somente quem domina a gramática domina a língua.

Nos PCNs (1998) encontra-se essa visão:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão da oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (PCN, 1998, p. 82).

O ofício de ensinar deve ser realizado sem criticar diretamente, focando no esclarecimento de dúvidas e explicando o porquê da existência de variedades, até para que o aluno compreenda o sentido do todo. Não se deve criticar o aluno pela sua maneira de falar, ler ou escrever, e nem tentar ensinar a gramática sem levar o discente a refletir sobre ela, a língua culta do português deve ser apresentada aos alunos de forma reflexiva.

Recentemente, no ano de 2014, o governo do Estado do Maranhão, por meio da secretaria de educação, lançou um documento chamado "Diretrizes

Curriculares”, que propõe estratégias, implementa medidas e orienta o processo educativo visando a melhoria da aprendizagem promovendo uma escola pública de equidade social e de qualidade, concebendo a linguagem como interação, diz que:

O Ensino da Língua Portuguesa deve fundamentar-se na concepção de linguagem como processo interativo, considerando a língua como conjunto de variedades linguísticas utilizado pelo indivíduo, com ênfase no desenvolvimento da competência comunicativa do sujeito aprendiz, primando pela construção do saber sistematizado por meio do uso efetivo da língua e sua mediação entre o homem e o mundo. (MARANHÃO, 2014, p.17)

Esse instrumento tem como meta principal possibilitar as mudanças necessárias para construir, em conjunto com o magistério, uma educação pública de qualidade social, que respeite a diversidade, que trabalhe na perspectiva da inclusão social. Para esse documento, todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos têm direito à educação de qualidade, independente de origem étnica, racial, cultural, social e geográfica. A escola é, portanto, parte integrante do sistema de garantia de direitos, um lugar privilegiado para assegurar a cada indivíduo o exercício pleno de sua cidadania

Os métodos de ensino deverão levar em conta a exposição oral e escrita dos alunos, exploração das marcas linguísticas típicas da oralidade em seu uso formal e informal, propondo reflexões sobre os argumentos utilizados nas exposições orais e escritos dos alunos. Para os métodos de avaliação, deram ênfase à adequação do discurso à situação e intenção comunicativas, bem como às variedades linguísticas regionais e culturais. (MARANHÃO, 2014)

Analisar a LDB, os PNCs e as Diretrizes Curriculares se faz necessária diante da condição estrutural do ensino no Brasil. Nesta perspectiva, é importante que as escolas comecem a mudar seu conceito de língua, pois é importante que os alunos tenham conhecimentos sobre as variações linguísticas e, nessa perspectiva, que não exista erro ao falar diferente. É notória a influência dos estudos linguísticos nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental.

5 METODOLOGIA

A natureza metodológica dessa pesquisa baseou-se na coleta bibliográfica e no estudo de campo os quais serviram de fundamentação e de orientação para o

desenvolvimento deste trabalho que buscou explicações e as possíveis soluções para as inquietações da problemática que envolve o assunto dessa pesquisa. Ao falar sobre a pesquisa bibliográfica, Lakatos (2003), diz que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. LAKATOS (2003, p. 43)

A pesquisa foi realizada no 9º ano do ensino fundamental maior por meio da aplicação de questionários e entrevistas pautadas, também, na observação de como professores e alunos lidam com as diversidades linguísticas, visando assim, conhecermos se tanto os docentes quanto os discentes estão ou não conscientes e preparados sobre a questão do preconceito linguístico para, assim, retratarmos a real situação desse contexto educacional que é a escola.

Segundo (Gil, p.100) “A observação apresenta como principal vantagem, em relação às outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”. Para Rúdio (2002, p.128) “O termo observação possui um sentido amplo, pois não trata apenas de ver, mas também de examinar e é um dos meios mais frequentes para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos.”

Para se avaliar determinado assunto a ser pesquisado, faz-se necessário aplicar um questionário, para que dessa forma, possa-se quantificar em tabelas ou gráficos os dados obtidos. Conforme (Gil, p.122) Um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas proporcionarão dados ao pesquisador para descrever as características da população pesquisada.”

Pode-se perceber a importância que o autor traz à aplicação de um questionário na pesquisa de campo, pois ele propicia ao pesquisador a obtenção de dados mais concisos para que se chegue ao objetivo principal da pesquisa. Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas.

As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. Estes questionários são um valioso instrumento para a elaboração do trabalho de pesquisa, constituídos de perguntas relacionadas ao tema de estudo. As questões são objetivas e subjetivas direcionadas aos educadores e ao alunado, objetivando uma melhor compreensão da temática a ser analisada.

É válido ressaltar que os procedimentos a serem adotados são de cunho exploratório e qualitativo, visto que se apoiam em indagações a alunos e professores de Língua Portuguesa. Vale frisar que além dos procedimentos anteriormente mencionados, será importante a observação na interação entre os alunos com o intuito de colher informações referentes à temática dessa pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento de dessa pesquisa assim podem ser divididos:

- Conhecer a escola campo, seu espaço físico, sua estrutura administrativa e o seu corpo docente, em seguida, apresentar a pesquisa de campo à direção e aos educadores, elencando a objetividade do mesmo;
- A prática do objeto de estudo realizar-se-á por meio da observação em sala de aula da relação professor x alunos e também destes últimos entre si no que se refere à temática desse trabalho de pesquisa e, também, pela aplicação de questionários visando coletar informações atinentes ao tema proposto.

Todos os resultados obtidos tanto os que serão coletadas por meio de observações quanto às respostas dos pesquisados tornar-se-ão relevantes para a reflexão do assunto em estudo. Dessa forma, é necessário explicar a metodologia que assim se divide: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, análise e interpretação dos dados.

5.1 Escola campo

A Unidade Escolar Professor Manoel Viana está situada na Avenida Gomes de Sousa, S/N, Centro da cidade de Itapecuru-mirim, Maranhão e foi criada em 1946, na administração do Prefeito Municipal Abdala Buzar Neto. Ela é uma

instituição mantida pelo poder público municipal que tem sua estrutura administrativa composta pelas diretoras Ana Lúcia Sandes (diretora geral) e Maria Cândida Martins Costa (diretora pedagógica). Possui três vigias, cinco AOSDs, dezesseis docentes, quatrocentos e quinze alunos, divididos em dois turnos (matutino e vespertino). Seu espaço físico é formado de seis salas de aula, uma secretaria, um auditório, um pátio descoberto, uma cantina e três banheiros, sendo um destes destinados a alunos com necessidades educacionais especiais.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo será feita a análise dos dados coletados por meios de questionários aplicados aos alunos do 9º ano vespertino do ensino fundamental da Unidade Escolar Professor Manfredo Viana e, também, a análise dos dados obtidos com base nos questionários aplicados aos professores que ministram aulas na referida turma.

A partir das observações no âmbito escolar surgiram algumas indagações que culminaram nessa pesquisa. A ênfase na explanação exaustiva da gramática normativa vem sendo o único caminho que as escolas adotam como modelo para o processo de ensino-aprendizagem em relação ao ensino da língua, visto que ensinar a norma-padrão, certamente, é uma obrigação da instituição escolar como forma de possibilitar às pessoas a oportunidade de desenvolver um processo de educação cultural tendo em conta a sua participação ativa no processo histórico, sociopolítico, econômico e científico.

É válido ressaltar que antes da realização da pesquisa foi feita uma abordagem com a turma selecionada com a intenção de verificar se os estudantes conheciam a respeito da temática em questão e logo em seguida, foram expostas as questões aos alunos e aos professores.

A obtenção dos dados se deu da seguinte forma: inicialmente foi realizada a pesquisa bibliográfica atinente à temática; depois foram realizadas observações na sala de aula a qual foi objeto de estudo com objetivo de constatar de que modo os docentes, principalmente, aquele que leciona a Língua Portuguesa aplica suas metodologias no âmbito da sala de aula e, por último, foram entrevistados 04 (quatro) professores do nono ano e 23 alunos da referida série por meio de 02 (dois) questionários específicos, sendo 01(um) destinado aos estudantes (contendo quatro questões) e outro (contendo 6 perguntas), aos educadores.

Tais questionários foram utilizados para a elaboração, análise e conclusão da supracitada pesquisa. Os resultados obtidos foram examinados minuciosamente e ordenados em gráficos objetivando assim, conhecer por meio dessa análise as informações dos entrevistados.

Gráfico 1

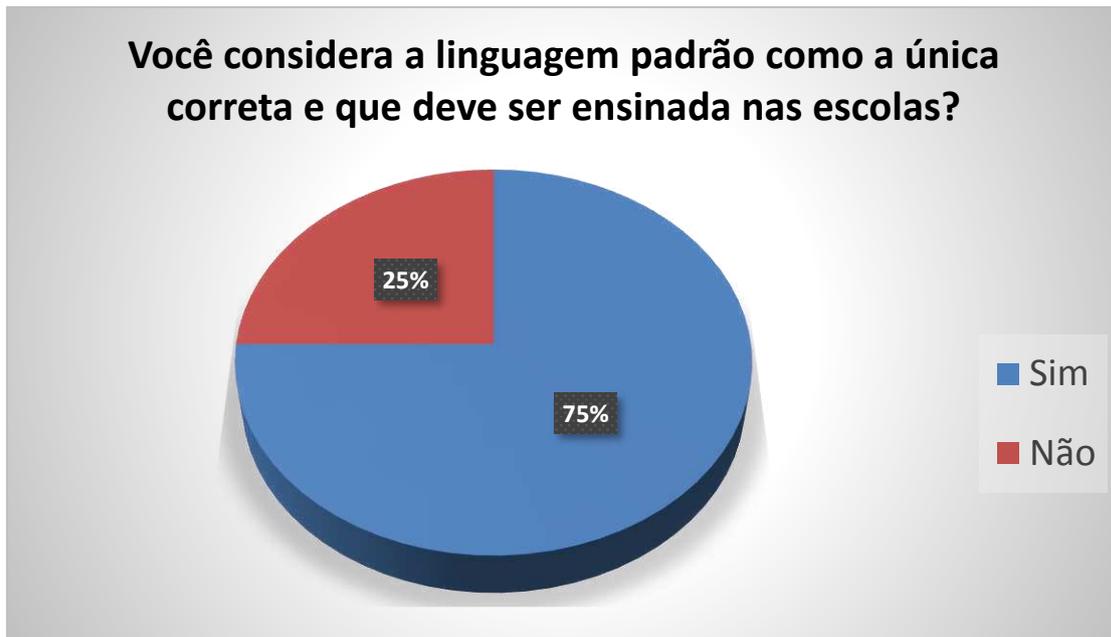


Fonte: Carvalho; Silva (2019)

Conforme o gráfico 1, 100% dos entrevistados conhecem os conceitos de variação linguística, uma vez que a multiplicidade de falares e sotaques na Língua Portuguesa é bem presente no cotidiano dos alunos quanto dos professores. Uma nação apresenta diversos traços de identificação, e um deles é a língua, que pode variar de acordo com alguns fatores, tais como: o tempo, espaço, nível sociocultural, essas circunstâncias se manifestam verbalmente.

Para Possenti (2006, p.35), “A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status ou* papel, essas diferenças se refletem na linguagem.”

As línguas têm formas variadas porque a sociedade é dividida em grupos e o uso de uma determinada variação linguística serve para marcar a inclusão em alguns desses grupos, dando uma identidade para seu povo.

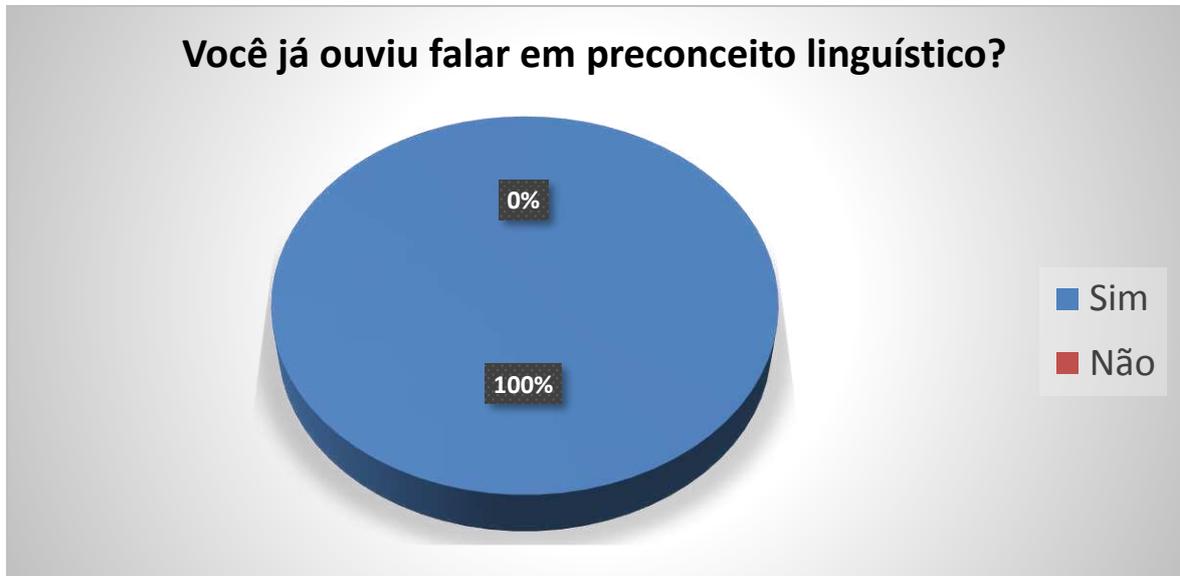
Gráfico 2

Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com o gráfico 2, 75% dos professores entrevistados dizem que a gramática normativa é única que deve ser ensinada nas escolas. Nota-se que o ensino da gramática normativa ainda impera, o que na verdade não se deve considerar como uma verdade absoluta. Não há dúvida de que se deve ensinar a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, embora sabe-se que ela em si não ensina ninguém a falar, a ler e a escrever com precisão.

O dever da escola é ensiná-la, oferecendo condições ao aluno de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada. Não é com teoria gramatical que ela concretizará o seu objetivo, pois isto leva os estudantes ao desinteresse pelo estudo da língua, por não terem condições de entender o conteúdo ministrado em sala de aula, resultando assim frustrações, reprovações e recriminações que se iniciam pela própria escola e o preconceito linguístico.

Outros 25% responderam que não, evidenciando que as concepções de gramática aos poucos começam a ser mais conhecidas e, dessa forma, faz-se necessário ampliar o trabalho de divulgação das teorias linguísticas que desmistifiquem o ensino da língua que se encontra pautado apenas na gramática normativa.

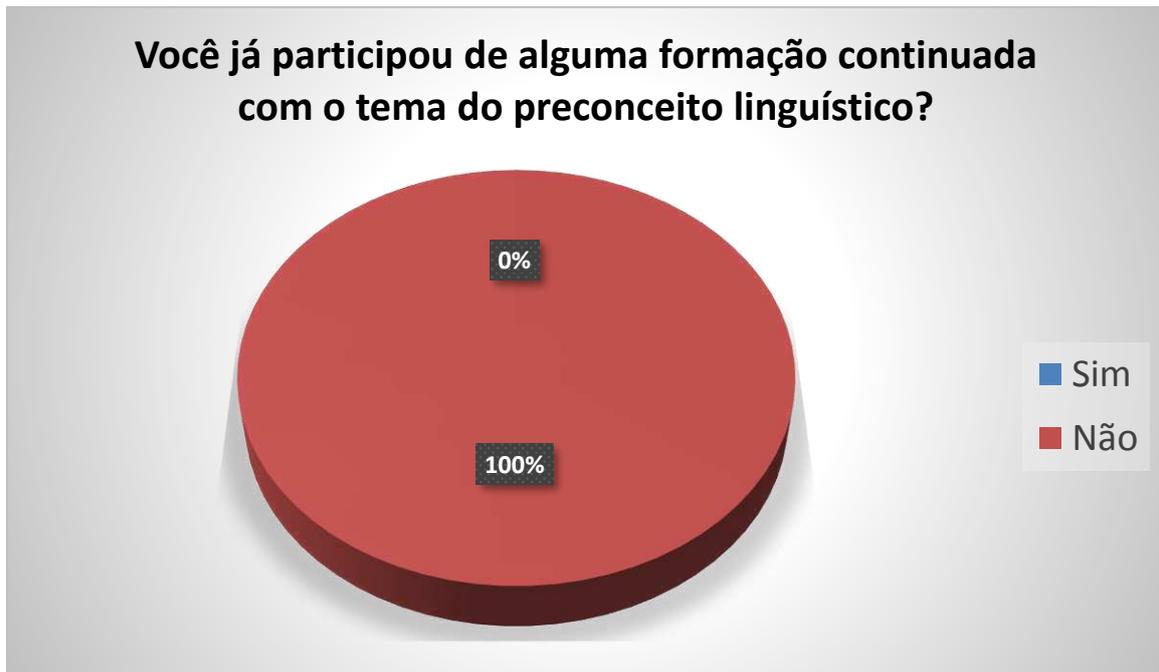
Gráfico 3

Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com o gráfico 3, todos os entrevistados já conhecem ou ouviram falar em preconceito linguístico, pois ele é mais comum do que se imagina, atualmente. Ele deixou de ser apenas o preconceito linguístico e se tornou um preconceito social, é preciso um trabalho intenso da escola e professores para mostrarem a seus alunos a grande diversidade das variações linguísticas existentes, que não há erros nestas variações e sim uma possibilidade de enriquecimento dialético nos variados contextos de fala dos alunos.

Dentre os fatores que contribuem para que haja discriminações contra as variedades linguísticas, ou em relação aos diversos falares que, diga-se de passagem, não são relevantes para a gramática normativa, pode-se afirmar que os mitos contribuem bastante para essa situação, como bem ressalta Antunes (2009, p.90), "Um dos grandes mitos que se criou foi o de admitir uma única forma "certa" de dizer uma coisa, de exprimir uma ideia". Assim, tal crença contribuiu para o aumento do preconceito linguístico no âmbito social.

Gráfico 4



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com 100% dos professores pesquisados, ou seja, todos os entrevistados responderam que nunca participaram de formação continuada com o tema preconceito linguístico.

Esse resultado comprova que ainda existem educadores que se "predem" ao modelo de educação tradicionalista e que eles ministram suas aulas sob essa perspectiva. Assim, essas formações continuadas que envolvem a temática anteriormente mencionada acabam sendo, para muitos docentes do ensino fundamental, uma realidade distante.

Embora as contribuições da linguística para mudar essa realidade, nos últimos anos, acerca do modelo de educação adotado no Brasil em relação ao ensino do português tenham sido importantes, muitos professores ainda estão fechados para essas inovações, tal qual afirma Cagliari (2008, p.40), "Muitos se fecharam e simplesmente ignoraram a Linguística, rotulando-a de fogo de palha".

Essa pode até não ser a realidade dos respondentes desta pesquisa quanto à visão e posicionamento que eles têm da linguística, porém, por meio do resultado obtido referente à indagação logo acima é possível constatar que os 100% dos pesquisados ao não participarem das supracitadas formações deixam de obter informações relevantes para uma melhor capacitação docente.

Gráfico 5



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

Este resultado, conforme especificado no gráfico acima, mostra que a grande maioria dos professores entrevistados (75%) corrigem seus alunos quando estes falam “diferente” ou falam alguma palavra de forma “errada”. Em contrapartida, apenas, 25 % dos educadores corrigem algumas vezes seus discentes e a resposta não obteve 0%.

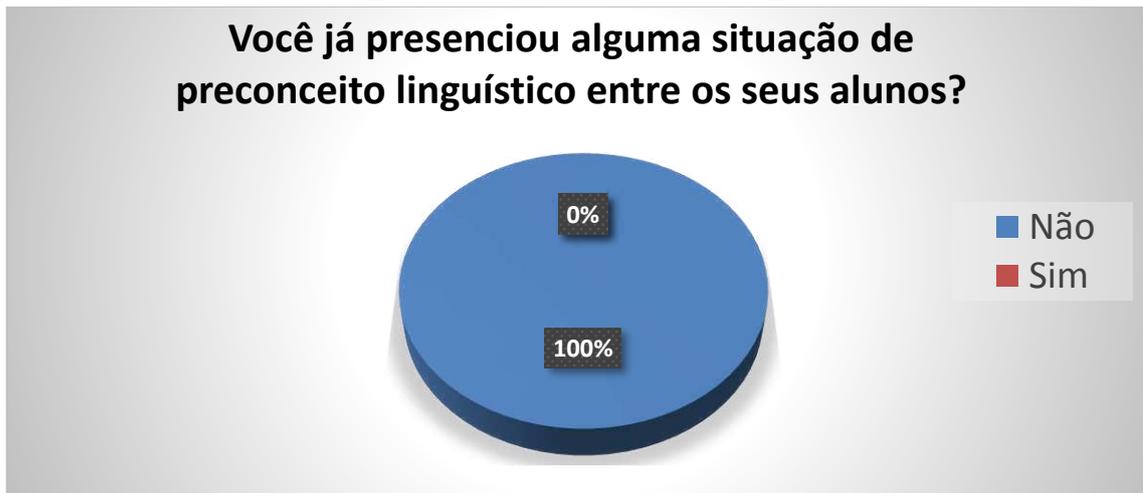
De acordo com esses dados, deduziu-se que no ambiente escolar pesquisado uma boa parte dos docentes ainda se utilizam de metodologias educacionais tradicionais, visto que uma instituição escolar que almeja ser um espaço de ensino-aprendizagem democrático não pode prestigiar somente a variedade linguística padrão como sendo o único modelo de se falar corretamente o português.

Embora algumas mudanças positivas tenham ocorrido em relação ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil, com contribuições da linguística, muitos professores ainda estão fechados diante dessas inovações no âmbito da educação, pois seguem os preceitos da gramática tradicional que valoriza o padrão culto da língua. Nesse sentido, Cagliari (2008, p.40) chega a dizer que:

Na verdade, a evolução rápida e profunda porque passou a Linguística moderna deixou muitos professores perplexos, não só diante do trabalho que vinham desenvolvendo ao longo dos muitos anos no próprio Magistério, como também pelo fato de verem seus grandes mestres criticados, ou mesmo contestados em questões fundamentais.

Assim, para que uma mudança significativa ocorra na educação é necessário, também, que os educadores estejam dispostos a abraçarem esses avanços que vão ao encontro de uma nova perspectiva de ensino de Língua Portuguesa o qual se baseia na pluralidade linguística.

Gráfico 6



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com 100 % dos professores, em momento algum eles presenciaram situação de preconceito linguístico entre seus alunos em sala de aula. Embora o resultado dessa questão apresente um percentual de 100% dos educadores entrevistados afirmarem que a referida situação nunca fora constatada por eles, não significa dizer que na escola a qual foi objeto de estudo não exista o preconceito linguístico. Para que naquele espaço de ensino-aprendizagem, mais especificamente, na turma do 9º ano, a qual foi selecionada como objeto de estudo para esta pesquisa, também não haja discriminação contra os falares "diferentes", visto que o próprio modelo de ensino que as instituições escolares adotam pautado na gramática normativa priorizando a norma-padrão como a única que ensina a falar e escrever corretamente, sem levar em consideração as peculiaridades dos discentes já é um ato preconceituoso. Para Antunes:

Há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às suas limitações também -- equívoco que tem funcionado como apoio para que as aulas de língua se pareçam muito pouco com "encontro de pessoas em atividades de linguagem" e, muito menos ainda, com "encontros de interação", nos quais as pessoas procurariam descobrir como ampliar suas possibilidades verbais de participar da vida de sua comunidade. (ANTUNES, 2009, p.30).

Nesse sentido, as escolas limitam-se apenas ao uso da gramática normativa em detrimento de valorização das demais variedades linguísticas as quais caracterizam cada indivíduo ou grupo social presente no contexto escolar.

Gráfico 7



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com 78% dos estudantes, ou seja, a grande maioria dos entrevistados respondeu que já ouviu falar em preconceito linguístico. Esse percentual revela que, apesar do referido tema receber pouco espaço para discussões e reflexões, em sala de aula, acerca das variedades linguísticas, dos diferentes usos que a Língua Portuguesa proporciona aos seus falantes, independentemente dos mais variados contextos socioculturais. Tal resultado pode ser considerado um ponto positivo, pois, embora isso não signifique que esses alunos tenham conhecimento abrangente em relação ao preconceito linguístico, observou-se que muitos deles mostraram-se bastante curiosos no momento das discussões, após a aplicação do questionário, quando muitos citaram voluntariamente exemplos de situações que envolviam o preconceito linguístico. Essa atitude voluntária que eles demonstraram em relatar sobre essa questão pode tornar-se mais interessante para eles e, conseqüentemente, poderão pesquisar mais a respeito do assunto já que o modelo de educação atual não os incentiva a fazer estudos com ênfase nessa temática.

De acordo com Cagliari (2008, p.36), "Para a escola, infelizmente, a variação linguística é vista como uma questão gramatical, de certo ou errado ". Nesse sentido, as instituições de ensino acabam excluindo os diferentes falares do contexto

escolar, promovendo assim o preconceito linguístico no seu próprio espaço de ensino-aprendizagem. É válido ressaltar que, a grande maioria dos pesquisados, após responderem os questionários, disseram que já ouviram falar sobre o referido tema, principalmente, por meio da Internet. Outros 22% afirmam que nunca ouviram falar, diante desse resultado, constata-se que a temática pesquisada necessita de mais abordagem no espaço de ensino-aprendizagem.

Gráfico 8



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com o gráfico, 57 % dos alunos pesquisados, ou seja, um percentual bem elevado, respondeu que sim, que foram vítimas de preconceito por falarem “diferente” ou porque disseram alguma palavra que foi considerada "errada".

Esse resultado mostra que o preconceito linguístico é uma realidade na vida de muitos alunos do nono ano da Unidade Escolar Professor Manoel Viana, escola selecionada para a realização dessa pesquisa de campo.

Ainda, segundo Antunes (2009, p.91), “Ao mito da invariabilidade das línguas, se junta o outro, da superioridade de certos falares: o das cidades, melhor que o das zonas rurais; o do Sudeste, melhor que o do Nordeste [...]”. Sendo essa uma crença que se arraiga nas mais variadas camadas sociais, acaba favorecendo atitudes discriminatórias contra os diferentes falares da população brasileira.

Em continuação à pesquisa, outros 43% responderam que não sofreram preconceito por falarem "diferente" ou porque falaram alguma palavra que fosse

considerada “errada”. Embora esse percentual signifique que quase metade da turma não tenha sofrido ato discriminatório referente ao falar, como fora acima mencionado, o combate ao preconceito linguístico é uma bandeira que deve ser defendida por todos os usuários do português e, principalmente, pela escola que é a guardiã da língua, mas que deve ser um espaço democrático e de valorização linguística.

Gráfico 9



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com os resultados do gráfico, 41% responderam que, às vezes, sentiam-se constrangidos pelo fato de utilizarem uma variedade diferente da norma-padrão, evitando assim a sua participação oral nas aulas por medo de ser corrigido novamente.

No entanto, 34%, mais de um terço da turma, disseram que se sentiam constrangidos pela forma que se deu essa correção, podendo ser motivo de chacota pelos colegas de turma. Faz-se necessário que os professores ensinem o aluno a falar mais próximo da norma culta, mas ensinar de uma forma adequada, não discriminando a variedade de ninguém, seja ela qual for. Cabe ao professor desenvolver atividades em que os alunos percebam como funciona a língua e as formas de uso. Conforme Ramos (1997, p. 6),

para que os alunos tenham acesso à linguagem culta é necessário ter contato com essas pessoas que falam essa língua através de textos e

linguagens as mais diversas, consultando jornais, revistas, ciência, música, literatura etc. Deve-se ler e incentivar a ler de tudo.

Por fim, 25% dos entrevistados disseram que não se sentiam constrangidos com as correções das professoras, pois eles aprenderiam a forma “correta” sem que alguém viesse a diminuí-los por causa disso.

Gráfico 10



Fonte: Carvalho; Silva (2019)

De acordo com os resultados do gráfico, 57% dos entrevistados entendem que falar a norma-padrão não é a única maneira de se expressar corretamente. Pode-se inferir que, ao final do ensino fundamental, os alunos já têm o entendimento de que a língua falada no cotidiano tem a sua relevância.

No entanto, 43% dos entrevistados responderam que sim, demonstrando que se faz necessário que os professores façam um trabalho de valorização das variedades linguísticas, no que se refere a sua utilização e adequação no âmbito escolar, para que dessa forma, transforme-se essa visão arcaica que remonta ao modelo tradicional de ensino, em metodologias inovadoras fomentadas pelos estudos linguísticos, que muito tem a contribuir com a concepção e o ensino da língua materna. Esse método educativo irá quebrar essa cadeia de teorias preconcebidas (só a gramática é o certo) quando se fala de ensino da Língua Portuguesa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou da importância da linguística no ensino de Língua Portuguesa, visto que as escolas brasileiras ainda se fundamentam em um modelo de ensino tradicionalista o qual contribui para o desenvolvimento do preconceito linguístico no ambiente escolar. Pautado neste princípio, valoriza-se apenas a variedade padrão do idioma e, conseqüentemente, desprestigia as demais variedades.

Assim, buscou-se enfatizar a relevância da linguística como uma ferramenta de combate ao preconceito linguístico, principalmente, no espaço de ensino-aprendizagem que deve ser um local democrático, que não deve reprimir os estudantes por não falarem de acordo com a gramática normativa, mas sim tornar possível o processo de adequação linguística.

Deseja-se com este estudo, uma reflexão acerca das variedades linguísticas, para que os alunos possam ser valorizados e não inibidos em sala de aula, uma vez que toda essa variação faz parte da riqueza da Língua Portuguesa. E que valorizar apenas uma forma de comunicação, aquela baseada no padrão culto, é promover o processo de exclusão social.

Entretanto, pode-se mudar essa realidade por meio de atitudes educacionais inovadoras que reconheçam os diferentes falares como identidades particulares de cada indivíduo ou grupo social. Dessa forma, a escola será um meio de inclusão social, na qual todos poderão interagir sem sofrerem discriminações por causa da sua maneira de falar.

No decorrer desse trabalho observou-se que a maioria dos educadores entrevistados consideram a linguagem padrão como sendo a única "correta" que deve ser ensinada nos estabelecimentos escolares, também em decorrência de que a maioria dos discentes pesquisados já sofreram censuras por causa do modo como falam, constatou-se que é necessária uma transformação no modelo de educação da escola pesquisada.

Algo que chamou a atenção foi a falta de palestras com essa temática nas formações continuadas anuais ofertadas no período de férias pela Secretaria Municipal de Educação, quando são tratados assuntos pertinentes à profissão docente de todas as áreas, bem como a busca pela qualificação do profissional da

educação para, assim, proporcionar as melhorias de que a educação tanto necessita.

Esse seria um momento propício para um enfoque nestas discussões a respeito da língua, pois faz-se necessário uma conscientização dos professores de todas as disciplinas sobre as variedades linguísticas e o preconceito linguístico nessa perspectiva de desconstrução de conceitos arcaicos atribuídos à gramática normativa, visto que todos fazem uso da linguagem na sua prática de ensino. Explanar os conhecimentos de linguística para os docentes traria um novo olhar para o ensino e valorização da língua. De semelhante forma, poderia ser feita uma palestra com os professores na escola sobre essa mesma temática.

Assim, conclui-se que o preconceito linguístico continua se manifestando no ambiente escolar, mas que pode e deve ser combatido nesse local por meio de medidas pedagógicas voltadas sob a ótica da diversidade e da variação como elementos que constituem as línguas e não como aspectos que devam ser discriminados.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 8ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. **A pesquisa na escola: o que é, como se faz?**. 49ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna – Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização & linguística**. Scipione, 10ª ed. São Paulo, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 Ed. São Paulo. Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos De Metodologia Científica**. 5. Ed. - São Paulo: Atlas, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos.; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. **Diretrizes Curriculares**. SEDUC, 3. ed. São Luís, 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7ª Ed. SAO PAULO, editora ATLAS S.A, 2007.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; et al. **Manual de linguística**. 2ª. São Paulo: Contexto, 2017.
- PERINI, Mário A. **A gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de letras/ALB, 1996.

POSSENTI, Sírio. **Sobre o ensino de português na escola**. In GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAVALIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE-A

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO-DOCENTES

Lócus da Pesquisa: UNIDADE ESCOLAR PROF.º MANFREDO VIANA

ITAPECURU-MIRIM-MA

Sujeitos da Pesquisa: Professores Tempo que exerce o magistério: _____

Turma: 9º ano Área de formação _____

Professor: _____ Sexo M () F ()

Obs: Caro professor, as informações aqui descritas serão utilizadas no trabalho acadêmico sem que seus nomes sejam mencionados.

1ª Você conhece os conceitos de variação linguística?

Sim () Não ()

2ª Você considera a linguagem padrão como a única correta e que deve ser ensinada nas escolas?

Sim () Não ()

3ª Você já ouviu falar em preconceito linguístico?

Sim () Não ()

4ª Você já participou de alguma formação continuada com o tema do preconceito linguístico?

Sim () Não ()

5ª Você corrige seus alunos quando falam diferente ou alguma palavra de forma “errada” ?

Sim () Não () Às vezes ()

6ª Você já presenciou alguma situação, em sala de aula, de preconceito linguístico entre os seus alunos?

Sim () Não () Às vezes ()

APÊNDICE-B

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO-ALUNOS

Lócus da Pesquisa: UNIDADE ESCOLAR PROF.º MANFREDO VIANA

ITAPECURU-MIRIM-MA

Sujeitos da Pesquisa: Alunos

Turma: 9º ano idade:

Aluno: _____ Sexo M () F ()

Obs: Caro aluno, as informações aqui descritas serão utilizadas no trabalho acadêmico sem que seus nomes sejam mencionados.

1º Você já ouviu falar em preconceito linguístico?

Sim () Não ()

2ª Você já sofreu preconceito por falar “diferente” ou por considerarem que você falou alguma palavra “errada”?

Sim () Não ()

3ª Você se sente constrangido quando o professor ou colega lhe corrigi em frente aos demais alunos?

Sim () Não () às vezes ()

4º Para você, somente as pessoas que falam de acordo com a gramática é que falam o português correto?

Sim () Não ()